

NA ORLA DO ABISMO

Levanta a tímida frente,
Sublime mártir de amor!
Contempla n'outro horizonte
Fúlgido astro redentor

Poética imagem da rosa
Que a amar se define e esvai,
Não sigas a mariposa
Que morre na luz que a atrai!

Arranca est'alma ao abismo,
Onde a pode arremessar
A onda do fatalismo!

Eu venho-te aconselhar
Filosofia e estoicismo,
Para essa dor conjurar!
Revista Azul, setembro de 1893.

MADRIGAL

Como a luz que atrai, fulmina
Doudejante borboleta,
Esse olhar prende e fascina
Em ondas de luz, inquietada!
Invejo a trágica sina
Do teu amor, borboleta!

Revista Azul, agosto de 1893.

A MINHA FLOR

(De Duffot)

Ha mais d'um ano, escondida
Conservo uma flor querida
Que perdeu perfume e cor!
Brotaram depois as rosas
Lindas, frescas, setinosas:
É mais bela a minha flor!

Belo ornato da Natura,
Que n'alma entorna a ventura
E é dela grato primor.
Se inspira a felicidade
Té no adorno da beldade...
Mais me inspira a minhar flor!

A todos os bens da terra
Prefiro esta flor — que encerra
Poesia, saudade e amor!
Aquêlo que eu tanto adoro,
Que na lira canto e choro...
Foi quem me deu esta flor!

No centro dela se esconde
A alma que amo: e é onde
Também oculto esta dor!
Minhas lágrimas veementes,
Castas pérolas ardentes,
São o orvalho desta flor!

Ela é morta! — mas existe
N'um coração terno e triste,
Puro e sublimado amor!
Grata lembrança! que inflama
Minh'alma em pudica chama,
Quando beijo a pobre flor!

A Arte, 15 de maio de 1895

MIRAGEM

Vejo-te, expressiva imagem,
Desde áureos sonhos pueris!
Só tu me infundes coragem,
Me reanimas, me sorris,

Da minha dor na voragem,
Nas minhas mágoas senis:
Vejo-te, — ideal miragem,
Envolta em prantos febris!

Tu és a imagem que incute
N'esta alma — onde repercute
A intensa luz dêsse olhar,

O mais puro sentimento...
Que em solene juramento
Te venho aqui consignar.

Revista Azul, outubro de 1893

AMOR E SOMBRA

Este mar de amor que sinto
Em alvoroço, no peito,
Debate-se sôbre um leito
De dores num labirinto!

O horizonte triste e escuro
Que lúgubrememente obumbra
E envolve em fatal penumbra
Este mar de amor tão puro.

É a acerba desesperança!
— Um vendaval sem bonança —
Que me arrebatou a alegria!

E a Morte — a cruel baçante,
Que aparece a todo o instante
A apontar-me a campá fria!

A Arte, 15 de março de 1895.

ÍNTIMO REBATE

Um alvoroço indistinto,
Bem como quando a ilusão
Nos revolta o coração,
Ha muito n'alma o pressinto.

Se escuto o alarme que eu sinto
Causar-me funda impressão,
Revela-se o Amor, distinto,
Como autor da sedição!

Sondo tôda a sua grandeza...
Subtil, como quem perscruta
Desígnios da Natureza!

E receosa... irresoluta...
Vou fugir-lhe! e êle me apresa
E alto grita: «À luta! À luta!»

MORREU

(A memória de minha mãe)
No dia do seu aniversário natalício

Mãe! perfume, graça extrema
Que me embala e acaricia!
Duplo e divinal poema:
— És minha mãe e és Maria.

Alma feita de bondade,
Acolhe o profundo grito
Desta dor, desta saudade,
Nos parâmetros do Infinito!

Sinto-me, Oh mãe! sempre perto,
Sinto crente, a tua mão
— Desta vida no deserto...
Espírito e coração

Guiar-me! Sinto o bafejo
Sincero, acalentador,
Do teu amoroso beijo
— Único real amor

Que o mundo me concedeu.
Abraçada à tua imagem,
Oh! carinhosa miragem,
Repousou no seio teu.

A única estrêla que brilha
No meu sonho ou pesadelo,
És tu. Chamo-te; e ao apêlo
Respondeste: «Amada filha...»

Teu grande amor maternal,
No meu viver vacilante,
Traz-me, liberta do mal,
Prêsa ao teu belo semblante.

Meiga velhinha, alvo lírio,
Viver só p'ra te adorar
E o teu retrato oscular
Desta febre no delírio,

MIRAGEM

Eis a única Ventura
Que me entrem esta vida!
Depois... tua sepultura
Será a minha, oh! mãe querida!

Cingidas no mesmo abraço,
Nossas almas sempre unidas,
Subirão, cindindo o espaço.
A essas mansões prometidas.

Na solidão da existência.
Do sofrimento no cúmulo,
Quero a vida d'além-túmulo,
Tua etérea convivência.

Tua fria lousa encerra
Todos, todos meus desejos:
Nada ha para mim na terra
Que se compare aos teus beijos

Se me lembram teus afagos
Compensando-me horas tristes,
Vencem-me receios vagos...
Porque, oh! mãe! já não existes!

Anjo, santa, pomba mansa
Que do meu pombal voou:
— Pombal de amor, de esperança
Que a morte me aniquilou!

Sonho, às vezes, que ressorges
Do teu caixão mortuário!
E em arrôjo extraordinário
Quando, assim, em sonhos surges

Por prender-te à vida, luto:
«Se morres... quero morrer!»
Olhas-me pálida... em luto...
Oh! minha mãe, podes crer

Que o que escalda o peito meu
Como intensivo cautério,
É esta palavra — Mistério,
É esta verdade — Morreu!

(Fanal — Fev. 1912 — Anno II — n. 1.)

INTIMO REBATE

Um divórcio indistinto
Fam como quando a lousa
Nos revolta o coração,
Ha muita r'çima e pressinto
Se escuto o dia que eu sinto
Gostar-me farda impressão,
Revela-se o Amor, distinto,
Como autor da sedição!
Bonda tãda a sua grandezza...
Subtil, como quem pescaria
Designos da Natureza!
E recorda... inescolta...
Vou fugir-lhe! e éle me pressa
E alto grita: «A luta! A luta!»

A todos os bens da terra
Folito esta lora — que encerra
Poética saudade e amor!
Adejo que eu tanto adoro,
Que na tua canto e choro...
Foi quem me deu esta lora!
No centro dela se esconde
A alma que amo e é onde
Também oculto esta dor!
Minhas idéias veementes,
Cantos pênulas ardentes,
São o ovalho desta lora!
Ela é morte! — mas existe
Num coração tenro e triste,
Furo e sublimado amor!
Gota lamparina! que ilumina
Minha alma em pudica chama,
Quando pelo a poder lora!

